



EDUCAÇÃO, COMUNIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: EXPERIÊNCIAS NOS ESTADOS UNIDOS E EM MALI

Joyce E. King¹

Pesquisadora do Departamento de Estudos Afro-americanos e do Instituto de Estudos da Mulher
Universidade do Estado da Geórgia, EUA

Palestrante convidada, Universidade Federal de São Carlos², 25 de outubro, 2012.

Tradução de Abner Oliveira dos Santos

Resumo

Estudantes negros, como grupo, recebem um tratamento inferior tanto pelas políticas neoliberais quanto por escolas urbanas desprovidas de recursos; nas penitenciárias privadas, americanos negros são o grupo majoritário. O presente artigo contesta o pensamento e a teorização do modelo de Déficit Cultural, sobre a linguagem e a cultura das crianças negras, que têm sido tão prevalentes nos EUA. A pesquisa discutida nesse artigo interrompe este discurso da inferioridade negra e põe em evidência a importância de os estudantes desenvolverem uma consciência negra crítica, o que pode contribuir para sua excelência cultural e acadêmica. A pedagogia emancipatória para a liberdade humana, a qual promove que os estudantes tenham um senso positivo de identidade e de seu grupo étnico-racial, também é discutida. Ensino emancipatório para consciência negra crítica e liberdade humana significa resgatar história, memória e identidade de forma que os estudantes entendam a situação da América negra de uma perspectiva crítica e histórica. Educação para esse tipo de consciência requer que se conecte os estudantes às suas famílias, à história de suas comunidades e a seus ancestrais. São apresentados cinco princípios da pedagogia emancipatória que podem guiar a preparação do professor, o desenvolvimento do currículo, do texto didático, e da instrução baseada em padrões, bem como a promoção de relações étnico-raciais positivas. Estes são: conscientização, crítica da ideologia/crítica do racismo como ideologia, agência cultural/resistência à opressão, epistemologia dialética e ensino através de artes culturais. O exemplo do Clube Songhoy, um laboratório pedagógico para ensino da herança cultural a estudantes, doutorandos e pais engajados, demonstra como o ensino do idioma e cultura songhoy conecta os estudantes com sua herança africana, “do Nilo, ao Níger, ao bairro”. O ensino

¹ Ph.D., conferida a Cadeira Benjamin E. Mays para Ensino, Aprendizagem e Liderança, e Professora do Departamento de Estudos em Políticas Educacionais. Pesquisadora Afiada do Departamento de Estudos Afro-americanos e do Instituto de Estudos da Mulher da Universidade do Estado da Geórgia.

² Sou grata ao NEAB, e especialmente ao Professor Walter Silverio, coordenador do NEAB, e à Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, com quem tenho trabalhado em vários projetos desde 1991, pelo convite para vir à UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) para fazer essa apresentação no Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas.



desse legado é fundamental, dado que o norte do Mali está ocupado por extremistas muçulmanos que destruíram artefatos culturais históricos em Timbuktu.

Palavras-chave: Black Education; pedagogia emancipatória; consciência negra crítica; identidade étnico-racial.

Veja também a versão original em inglês publicada nesta edição.

EDUCATION, COMMUNITY AND RACIAL-ETHNIC RELATIONS: EXPERIENCES IN THE UNITED STATES AND MALI

Abstract

Black students, as a group, are underserved by neoliberal policies and poorly resourced urban schools and Black Americans are over-represented in privatized prisons. This article challenges cultural deficit thinking and theorizing about Black children's language and culture, which have been so pervasive in the U.S. Research discussed in this article interrupts this discourse of Black inferiority and highlights the importance of students developing a critical Black consciousness, which can contribute to their academic and cultural excellence. Emancipatory pedagogy for human freedom, which supports students' positive sense of themselves and their racial-ethnic group, is also discussed. Emancipatory teaching for critical Black consciousness and human freedom means recovering history, memory and identity, so students understand the state of Black America from a critical, historical perspective. Education for this kind of consciousness requires connecting students to their family, community history and to their ancestors. Five principles of emancipatory pedagogy are presented that can guide teacher preparation, curriculum, text development, and standards-based instruction and support positive racial-ethnic relationships. These are: conscientization, critique of ideology/critique of racism as ideology, cultural agency/resistance to oppression, dialectical epistemology and teaching through cultural arts. The example of the Songhoy Club, a pedagogical laboratory for heritage teaching for students and doctoral students and engaging parents, demonstrates how teaching Songhoy language and culture connects students with their African heritage, "from the Nile to the Niger to the Neighborhood." Teaching this heritage is very important given that northern Mali is occupied by Islamic extremists who have destroyed historic cultural artifacts in Timbuktu.

Key words: Black Education; Emancipatory pedagogy; Critical Black consciousness; Racial-ethnic identity.

See also the original English version published in this issue.



EDUCAÇÃO, COMUNIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS: EXPERIÊNCIAS NOS ESTADOS UNIDOS E EM MALI

Introdução: da prática à teoria

Este artigo é baseado em uma palestra, por convite da Universidade Federal de São Carlos, que focou-se em minha pesquisa e práxis comunitária bem como nos contextos dos Estados Unidos e do rico legado de Mali. Início com alguns exemplos do contexto atual da educação nos Estados Unidos – particularmente para a Black Education³ – e do que eu ensino sobre educação para a liberdade humana na universidade e na comunidade. Esse artigo foi expandido para abordar a teoria e a pesquisa que corroboram meu ensino, pesquisa e prática comunitária. Relações étnico-raciais positivas entre diversos grupos em uma sociedade democrática racialmente plural é um objetivo significativo e importante da educação. Entretanto, um pré-requisito desse objetivo é um sentimento positivo sobre si mesmo e sobre o grupo étnico-racial ao qual se pertence. Esta também é uma tarefa da educação para a liberdade humana (KING, 2005). Esse artigo apresenta algumas informações sobre a pesquisa relacionada a esta área do meu trabalho. Por exemplo, um crescente corpo de pesquisadores – em contraste com a teoria e pesquisa dominantes, da perspectiva do modelo de déficit cultural, segundo as quais afro-americanos são “sem-cultura” ou culturalmente mórbidos – tem mostrado (STANFIELD, 2011) que um senso coletivo de personalidade – com o que quero dizer: uma identidade étnico-racial coletiva que se afirma – tem um impacto positivo no aproveitamento acadêmico de estudantes negros. Porém, negros nos Estados Unidos continuam a encarar o desafio de como desenvolver identidades étnico-raciais positivas enquanto pessoas de ascendência Africana.

De fato, todos nós, não importa qual nosso grupo étnico-racial – pesquisadores, pós-graduandos, professores, alunos e pais – precisamos nos libertar dos mitos da sociedade que interferem na formação da identidade racial positiva, como o persistente pressuposto que negros são intelectualmente (bem como genética, moral e culturalmente) inferiores. Os discursos de “inferiorização” do negro, como os discursos de criminalização do negro (MUHAMMAD, 2010), evoluíram desde o início e no decorrer de toda a história dos EUA. Tais discursos são basais à estrutura de crenças raciais e de mitologização racial que veio a definir a cultura estadunidense desde as primeiras justificativas para a escravização de africanos (JEFFERSON, 1785/1999; WIENCEK, 2012), que eram

³ Nota do tradutor: O termo “Black Education” não recebe tradução. Embora no Brasil se realize uma forma de educação étnico-racial que visa o estudo de Africanidades no ensino regular, para todos os alunos, não há um termo correspondente no português. Nos E.U.A., o termo Black Education define uma pedagogia de resgate da memória e história dos povos africanos voltada para os descendentes afro-americanos.



apoiadas pelos mais admirados líderes políticos, intelectuais influentes e fazedores de opinião da época.

Essa conjectura sobre a inferioridade negra – a qual, Wynter (1984) argumenta, tem uma relação de “alter ego” com ideia normativa de supremacia branca – é uma ideologia que eu experienciei em minha própria educação. Uma experiência que tive em um curso de teoria da Sociologia na Universidade de Standford no final dos anos 1960 (abaixo) evidencia ainda outro propósito deste artigo: mostrar o quanto a educação emancipatória para a liberdade humana requer uma consciência negra crítica e o resgate da história, memória e identidade racial para “des-ideologizar” o conhecimento. É bom lembrar que o racismo é uma forma de conhecimento ideologizado (KING, 2005). Ensinar com vistas à consciência negra crítica e à liberdade humana significa resgatar a história, a memória e a identidade para que se entenda o que aconteceu ao povo negro no continente e na diáspora (p. ex. nas Américas). Os jovens, especialmente, precisam saber e entender o que aconteceu às suas próprias famílias e aos seus bairros. Devem ser capazes de responder a questionamentos como: por que a África é “pobre” e por que nosso bairro é demonizado/discriminado? Também precisamos de uma educação que nos permita entender nossas experiências de dominação e resistência em relação às formas de dominação de outros grupos, como as que nativos americanos e outros experienciaram e resistiram.

Educação para esse tipo de consciência também demanda o envolvimento e participação da comunidade. Conectar estudantes às suas famílias e à história de sua comunidade, a seus ancestrais, é uma tarefa da pedagogia emancipatória para a liberdade humana. Usando exemplos da minha própria pesquisa e trabalho de teoria-em-prática, esse artigo apresenta um exemplo de pedagogia emancipatória que ilustra seus cinco princípios, que são baseados na importância fundamental da história, da memória e da agência⁴ humana, a qual é possibilitada a um indivíduo através da afirmação da identidade étnico-racial. Este artigo é dividido em quatro partes: 1) O Contexto Atual da Educação nos EUA; 2) Educação para a Liberdade Humana e Princípios da Pedagogia Emancipatória; 3) Resgatando a História, Memória e Identidade; e 4) A Pedagogia *Donborey*: Aulas Emancipatórias Modelo. *Donborey* é uma palavra songhoy (de Mali, África Ocidental) que usamos para descrever a prática pedagógica que diz respeito à “Restauração Identitária” e à reconexão com nossos ancestrais (AKUA, 2012; KING et al, 2012).

⁴ Nota do tradutor: De acordo com a autora, em reunião preliminar à palestra em que este artigo se baseia, a palavra “agência” é usada no sentido filosófico. É o conceito que representa a capacidade do indivíduo de atuar, agir, enquanto sujeito autônomo e histórico, sendo capaz de provocar mudanças em sua realidade e meio.



O Contexto Atual da Educação nos EUA

A *Black Education* é afetada negativamente pelas atuais crises econômica e educacional dos EUA. Entretanto, debates sobre como enfrentar tais crises são marcados pelo pensamento e teorização – da linha do déficit cultural – sobre a linguagem e cultura dos jovens negros e dos jovens pobres que têm influenciado a pesquisa educacional e o ensino e conhecimento acadêmicos por décadas (DUDLEY-MARLING, 2007; DUDLEY-MARLING e LUCAS, 2009). A seguir está um exemplo do que passei em minha própria educação, o que me levou à teorização e ao ativismo que resgata a história, a memória e a identidade do conhecimento ideológico para a transformação curricular (KING, 2006, 1995).

Discursos da Inferioridade Negra na Academia

Em um curso da faculdade, de teoria da Sociologia, sobre “motivação para realizações”, o professor explicava que os contos e lendas dos nativos americanos forneciam evidência (científica) confiável de que, como grupo, eles tinham níveis mais baixos de motivação para o aproveitamento acadêmico e realização social (p. ex., economicamente). A evidência apresentada pelo professor para apoiar sua “teoria” era uma análise quantitativa de motivação – uma fórmula que ele mesmo havia criado – para avaliar o comportamento de Coyote em contos dos nativos americanos. Coyote é um “levado” ou “pregador de peças” que, em alguns contos, causa problemas aos outros e, travesso, evita trabalho. Esse pensamento deficitário racializado evita explicações focadas na discriminação racial e opressão. Para fazer meu trabalho de conclusão da disciplina, conduzi uma pesquisa usando uma adaptação da fórmula quantitativa do professor, que eu criei, para comparar os níveis de “motivação para realizações” em contos populares afro-americanos, e em contos populares europeus e euro-americanos (como as rimas infantis da Mamãe Gansa e os contos de fadas dos irmãos Grimm).

Minha análise quantitativa forneceu “evidência” de níveis de motivação para realizações mais baixos em rimas infantis euro-americanas, como “Humpty Dumpty” e “Jack e Jill”, quando comparados com contos afro-americanos⁵. Em comparação, contos populares afro-americanos como “O Coelho Brer” também incluem travessos, mas que são “altamente motivados” a realizar seus objetivos. Eu recebi nota máxima nesse trabalho de pesquisa. Para minha grande surpresa, anos depois, quando a Professora Assistente daquele curso de graduação e eu lecionávamos em outra universidade, ela se lembrou daquele

⁵ “Humpty Dumpty sentou-se no muro. / Humpty Dumpty caiu no chão duro. / E todos os homens e cavalos do Rei / Não conseguiram juntá-lo outra vez.” (pontuação de Motivação = 0). “Jack e Jill subiram o morro / para um balde d’água pegar. / Jack caiu e perdeu seu gorro, / e depois veio Jill rolando sem parar.” (pontuação de Motivação = 0).



trabalho. Ela perguntou se eu me lembrava daquele artigo e me perguntou se tinha mesmo sido da minha própria autoria. Ela afirmou: “Nós sempre nos perguntamos se tinha sido você mesma quem escreveu”.

Essa é a maneira como os discursos de inferioridade negra funcionam. Meu professor e a Professora Assistente daquele curso de graduação haviam discutido meu trabalho e eles “se perguntaram” se eu havia plagiado esse projeto de pesquisa. Em outras palavras, eles suspeitavam que eu não era inteligente o suficiente para produzir aquele tipo de pensamento original. De que outra forma poderia eu ter desenvolvido essas ideias fora da estrutura teórica de déficit cultural apresentada no curso? Eles aparentemente não consideraram o possível impacto do meu pensamento no movimento de Estudos Africanos – a revolução intelectual que estava acontecendo dentro da universidade em conjunto com o pensamento social revolucionário que guiou a Luta Negra por libertação na sociedade como um todo.

Políticas Neoliberais e um Retorno ao Pensamento do Déficit Cultural

Hoje, políticas neoliberais estão sendo um retrocesso dos ganhos da Luta Negra por libertação nos anos 1960, quando estudantes universitários como eu ajudaram a estabelecer os Estudos Africanos na universidade, enquanto apoiávamos ativistas comunitários que estavam engajados em lutas por poder em outras arenas. Agora, a comunidade negra está sofrendo para até mesmo manter escolas abertas e para mantê-las públicas ao invés de privatizadas. Nosso desafio é espalhar uma visão de educação real para a libertação humana, por poder e mudança social – uma visão que alguns de nós na verdade podem se lembrar. Agora, nossas escolas estão sendo substituídas por *charter schools* (a maioria sendo operada por companhias de domínio privado); estados e municípios estão impondo avaliações como o único parâmetro de medida para o aprendizado dos estudantes e eficiência dos professores; o comportamento dos estudantes está sendo criminalizado – incluindo infrações leves das regras escolares – enquanto políticas antidrogas desiguais contribuem para o amplo encarceramento de negros e latinos em prisões privatizadas. Este é conhecido como o “corredor do berço para a prisão”, o “caminho da cadeia” nos Estados Unidos, que está ligado ao amplo fechamento de escolas, sem precedentes, bem como a drásticas reduções no número de professores negros e latinos.

Além do fato de a maioria dos estudantes serem ensinados por professores brancos nas grandes cidades dos EUA – Nova Iorque, Chicago, São Francisco – o número de professores negros e latinos experientes vem diminuindo (ACHINSTEIN, OGAWA e SEXTON, 2010). Esses professores experientes estão sendo substituídos por professores de “certificação alternativa” que receberam pouco ou nenhum preparo profissional. As escolas estão, ou recebendo menos recursos do que o mínimo necessário ou sendo fechadas, ao passo que o



rendimento acadêmico de alunos negros cai como nunca antes. O caso de Nova Orleans é um exemplo. Imediatamente após o furacão Katrina, em 2005, todo o corpo docente sindicalizado foi demitido (BURAS, 2011). A maioria desses professores experientes era negra e de classe média. O distrito escolar de Nova Orleans está agora sendo usado como modelo de transformação da educação urbana. Por todo o país, estudantes, pais e professores estão lutando contra essa transição, mas a consciência sobre o que está realmente acontecendo é limitada por causa da rica campanha de propaganda voltada para ocultar a realidade.

Obviamente, há resistência também. A Black Education sempre foi sinônimo de resistência. Nos anos de 1960, a resistência envolveu a criação dos Estudos Africanos, o Controle Comunitário das escolas, intervenções comunitárias revolucionárias como a organização comunitária dos Panteras Negras. E os estudantes hoje não aprendem sobre essa história de libertação comunitária. Os Panteras Negras não apenas defendiam a comunidade da brutalidade policial. Eles criaram os programas de café da manhã gratuito para crianças pobres – um programa que depois o governo copiou. Os Panteras Negras também inspiraram ativistas de Samoa e Tonga que estiveram na Califórnia e, quando voltaram à Nova Zelândia, organizaram os Panteras Polinésios. Este exemplo mostra que o povo negro tem poder e influência sobre os quais nossas crianças *precisam* aprender.

Vou falar do meu trabalho com estudantes, pais e professores que coloca em prática importantes pesquisas sobre identidade racial – sobre a qual irei explicar a seguir. Em meu trabalho, estamos usando o idioma songhoy e a cultura de Mali para despertar a consciência de estudantes, pais e professores sobre nosso legado e nossa identidade. Meu colega, o Dr. Hassimi Maiga, e eu o chamamos de Pedagogia “Donborey” – reconectando com nossos antepassados. É na verdade ao mesmo tempo trágico e irônico que hoje, a rica cultura e legado de Mali sejam destruídos por invasores armados que vêm usando uma ideologia religiosa estreita para oprimir o povo e apagar o patrimônio mundial em antigas localidades de Mali (p. ex. Timbuktu e Gao).

Asa G. Hilliard (2003; Nobles, 2008), que foi um importantíssimo psicólogo, historiador e estudioso da educação dos povos africanos, me enviou este e-mail descrevendo as condições da Black Education em 2005:

As corporações de Wall Street estão fazendo grandes incursões nas escolas públicas onde estão nossos filhos. Estes são aproveitadores, que veem grandes orçamentos urbanos no sistema como uma galinha dos ovos de ouro. Eles estão ligados a parlamentares e são amigos em agências de implementação de políticas e de pesquisa... Até agora, nossos filhos permanecem em último lugar, enquanto os sistemas gerenciados por educadores se tornaram tudo menos isso – generais, promotores, ex-governadores, banqueiros, contadores, que além disso não vêm



das comunidades sendo servidas. “Gestão” e “responsabilidade” estão com tudo, liderança está por fora. Diga uma localidade urbana em que estudantes negros estão sendo bem-sucedidos. Pergunte aos contratantes quando serão bem-sucedidos. Sim, a escola precisava de melhorias antes. Porém, agora os ricos ficam mais ricos e as crianças pobres são preparadas para o fracasso, até mesmo prisão (*comunicação pessoal*)

Murrell (1997) observou que “as crianças afro-americanas como grupo” ainda estão sendo “servidas horrivelmente” nos maiores, subfinanciados, sistemas escolares urbanos. Hoje, mais de 60 anos após a integração, essas condições da Black Education que Murrell descreveu se deterioraram ainda mais:

[...] Crianças afro-americanas, particularmente meninos, vão dramaticamente pior do que suas contrapartes euro-americanas. Elas são desproporcionalmente expulsas, suspensas e relegadas a programas especiais para aqueles com distúrbios emocionais, distúrbios de aprendizagem e os mentalmente retardados. Elas têm um número de desistentes dramaticamente maior, e ainda assim uma média acadêmica e de índices de ingresso escolar dramaticamente menores. Menos da metade de homens afro-americanos vão para a faculdade hoje, do que a uma década atrás. (MURRELL, 1997, p. 23)

Os Estados Unidos encarceraram sua população mais do que qualquer outra nação industrializada (KING, 2009). Além do mais, as mulheres são agora o grupo populacional que mais cresce nas cadeias, e as mulheres e garotas negras estão desproporcionalmente representadas entre estas. Tais condições urgentes exigem uma pedagogia emancipatória.

Educação para a Liberdade Humana e Princípios da Pedagogia Emancipatória

Murrell (1997) ofereceu essa clara prescrição de educação libertadora, ou emancipatória, que é necessária às escolas urbanas com o fim de “curar um povo”: “A educação deve fornecer aquele centro a partir do qual as crianças aprendem a contestar a destruição das comunidades negras urbanas, a resistir ao ataque à africanidade cultural e a alimentar a luta pela real democracia” (p.20)⁶. Murrell elabora adicionalmente: “As crianças precisam de ferramentas

⁶ King (2011) apresenta exemplos de ataques ideológicos à africanidade cultural em boatos amplamente divulgados como factuais, como os em que, após o furacão Katrina, jovens negros em Nova Orleans estavam violentando bebês, jovens garotas e senhoras idosas. Na verdade, esses homens foram os verdadeiros “socorristas” (como bombeiros e policiais são descritos): eles



intelectuais para desenvolver uma consciência crítica para que desenvolvam uma robusta identidade racial bem como um senso de auto-agência e autodeterminação” (p.28). Murrell descreve essa abordagem educacional emancipatória como “pedagogia africanista crítica” – que permite que estudantes desenvolvam “um senso de agência”, autodeterminação, e “os meios de desconstruir e decodificar a supremacia branca como um *fenômeno cultural* e o racismo como imperialismo cultural” (p.29). Embora haja um crescente número de intervenções do tipo aluno-pesquisador em escolas e em parcerias escola-universidade, esse foco na consciência africanista crítica – ou o “centro moral e espiritual” articulado por Murrell – não está incluído nessas abordagens. A pedagogia emancipatória capacita os estudantes a serem bem-sucedidos em desenvolverem um senso de identidade pessoal e comunal (p. ex., pan-étnica) que por fim levará à excelência acadêmica e cultural, em oposição ao que é reconhecido como realização e sucesso pelas escolas de métrica eurocêntrica. Tal senso de preocupação e identidade comunal, ou identidade de grupo, não restrita apenas ao avanço individual, é o que se quer dizer com “excelência cultural” (KING, AKUA e RUSSELL, *em publicação*).

Não se alcança excelência acadêmica sem excelência cultural. A partir deste ponto de vista, crianças afro-americanas precisam ter a oportunidade de experienciar uma educação cultural apropriada, que lhes forneça um conhecimento íntimo sobre, e que honre e respeite, a história e cultura de nosso povo. Dessa forma, “excelência” em educação é muito mais do que uma questão de notas altas em exames padronizados para competências mínimas e avançadas. Excelência em educação e pedagogia emancipatória significa “preparar os estudantes para o autoconhecimento e para tornarem-se membros colaboradores, resolvedores de problemas, em sua comunidade, bem como no mundo mais amplo. Nenhuma criança pode ser ignorante, ou faltar com respeito, acerca de seu próprio, singular grupo cultural; mas deve se relacionar com outros no mundo em pé de igualdade” (HILLIARD e SIZEMORE, 1984).

Este entendimento de excelência educacional é apoiado por pesquisas que demonstram: apresentar a estudantes negros um currículo veraz lhes permite desenvolver identidades positivas quanto a si mesmos e a seus grupos, e alcançar uma excelência cultural e acadêmica que não é restrita pelas definições eurocêntricas de realização acadêmica. Em um estudo sobre estudantes negros bem-sucedidos academicamente, D. Carter (2008) verificou que “sua consciência racial crítica e orgulho em serem membros da comunidade negra foram dois elementos que lhes permitiram desenvolver estratégias para o sucesso no contexto escolar, e a perseguir seus objetivos futuros” (p.20). Em

demonstraram os ideais da cultura negra por organizar mulheres, crianças e idosos para que fossem resgatados primeiro – uma das maiores expressões das virtudes culturais do povo negro. A imprensa também retratou homens negros como “saqueadores” enquanto brancos nas mesmas circunstâncias eram descritos como tendo “encontrado” comida e outros itens de sobrevivência.



outras palavras, um currículo enraizado em ideias (e ideais) culturalmente relevantes irá encorajar uma forte identidade de grupo que, por sua vez, encoraja à realização acadêmica. Isto é, identificação positiva com a cultura negra fornece à juventude afro-americana um modelo para que entendam o papel da educação acadêmica em suas vidas (P. CARTER, 2005; LADSON-BILLINGS, 1994; LEWIS et al, 2006; MURRELL, 2009; NASIR, 2011; OYSERMAN et al, 2001). Desta perspectiva, uma forte identidade racial ou cultural entre jovens afro-americanos estimula o sucesso acadêmico (MURRELL, 2007).

Também é interessante considerar como os princípios da pedagogia emancipatória adotados por educadores negros nos EUA se alinham com “três tarefas urgentes” para uma psicologia da libertação na América Latina: 1) resgate da memória histórica; 2) “des-ideologização” da experiência diária e consciência da realidade do próprio povo, e 3) uso das virtudes do povo (da comunidade) (MARTÍN-BARÓ, 1996, p. 30-31). Não temos muitas oportunidades para pensar em nossa comunidade em termos de suas virtudes. Após uma breve discussão de cinco princípios da pedagogia emancipatória, darei alguns exemplos de o quê e como estamos ensinando a partir desta perspectiva em um programa extracurricular, o Clube Songhoy.

Cinco Princípios da Pedagogia Emancipatória

1) **Conscientização:** Cultivo de uma consciência crítica e da habilidade de ler não apenas a palavra, mas também o mundo, por exemplo, “alfabetização envolve a habilidade de ‘ler’ cultura como ‘texto’” (MURRELL, 1997). Para crianças, isso significa serem capazes de identificar as ideias culturais africanas (p. ex., respeito pelos mais velhos, cuidado e educação das crianças mais novas) e identificarem-se com elas, e serem capazes de explicar o que aconteceu a suas famílias, seus bairros e seu povo.

2) **Crítica da ideologia/crítica do racismo como ideologia:** Representações ideológicas de raça e pessoas de cor são encontradas não apenas no currículo, mas também em imagens da vida social apresentadas pela mídia popular, e tais imagens devem se tornar objeto da análise cultural crítica porque elas bloqueiam um senso coletivo de personalidade. Os estudantes precisam de oportunidades para aprender como identificar e como desconstruir imagens racistas e narrativas sobre negros, “ataques à africanidade cultural”, para que desenvolvam identidades étnico-raciais positivas que incluam uma visão comunal de si, ou um senso de personalidade coletiva, em termos culturais africanos. “Eu sou porque nós somos – nós somos, portanto, eu sou” é a expressão filosófica/antológica desta ideia cultural (BHENGU, 1999; MUDIMBE, 1988).



3) **Agência cultural/resistência à opressão:** Os estudantes aprendem que os afro-americanos têm resistido à dominação e à opressão e que eles também podem defender seus direitos e lidar com problemas da comunidade.

4) **Epistemologia dialética:** A pedagogia emancipatória insta os estudantes a investigar “o que é conhecimento, quanto vale o conhecimento, os propósitos da educação”. Aprendem sobre a epistemologia de sua própria comunidade cultural e o valor de engajarem pais e idosos da comunidade na construção do conhecimento – com o fim de conscientização e uso das virtudes do povo no aprendizado e na resolução de problemas.

5) **Artes culturais/expressivas:** Ensino *através* da cultura, não apenas sobre cultura, significa usar formas culturais de expressão para o aprendizado. As pesquisas indicam também que ensino e aprendizagem através das artes culturalmente elaboradas é um suporte à realização acadêmica dos alunos (HANLEY e NOBLIT, 2009).

Cada um desses princípios pedagógicos envolve o resgate da memória histórica, a qual é discutida a seguir usando-se um exemplo específico de práxis de ensino, o Clube Songhoy.

Resgatando a História, a Memória e a Identidade

Meus alunos de doutorado, que são todos ótimos professores negros, e eu desenvolvemos um laboratório de ensino e aprendizagem de pedagogia emancipatória – o Clube Songhoy. Neste programa extracurricular, alunos do ensino básico (de 11 a 15 anos) aprenderam sobre sua herança e sobre a cultura songhoy – “Do Nilo, ao Níger, ao bairro”. As aulas e atividades de aprendizado que desenvolvemos usa cada um dos princípios da pedagogia emancipatória. Os “Padrões de Critérios para o Ensino e Aprendizagem Contextualizados sobre o Povo de Ascendência Africana” também constituíram as aulas do Clube Songhoy (GOODWIN e KING, 2006). Abaixo, estão vários desses padrões de critérios para o ensino e aprendizagem a partir de uma perspectiva emancipatória de Estudos Africanos. A introdução a esses 19 Padrões de Critério afirma:

A contínua omissão e representação errônea das experiências, histórias e realidades dos estudantes afro-americanos e outros povos de cor no currículo – incluindo imigrantes de cor mais recentes – resultou na alienação em massa e na renúncia desses mesmos estudantes à escola e à educação... Os Padrões de Critérios a seguir podem ser usados na preparação do professor, em desenvolvimento da grade curricular e do texto didático, e na instrução baseada em padrões. Eles também podem servir como uma ferramenta avaliativa para determinar a adequação e exatidão



do tratamento das pessoas de ascendência africana nos currículos escolares e padrões de conteúdo (p.1)

- 1) A África Clássica foi uma influência primária no crescimento, desenvolvimento e civilização europeus.
- 2) As histórias de Diáspora Africana se iniciam na África junto com o início da história humana, não com o período de escravidão.
- 3) O legado do povo africano inclui a presença africana na Ásia, Europa e nas Américas.
- 4) A História é o registro de atos, movimentos e experiências comuns dentro do contexto dos objetivos comunitários e das necessidades de liderança.
- 5) Os povos africanos são um povo, continental e diaspórico.
□□□□□□□□□□□□□□□□ □
- 9) O povo africano tem resistido à dominação e à opressão desde os primeiros períodos de escravização. A resistência ao racismo e à opressão continua, por parte dos descendentes do povo africano, e esta tomou muitas formas sociais, políticas, econômicas e culturais, incluindo autodeterminação, resiliência espiritual e agência na educação, na expressão cultural e na edificação comunitária (p. ex., sociedades de ajuda mútua, irmandades, Escolas de Liberdade, Kwanzaa, Ritos de passagem).
- 10) As culturas dos descendentes africanos, tanto continentais quanto diaspóricos, compartilham orientações ontológicas, epistemológicas e axiológicas – uma fundação mundial que é, no limite, baseada na ideia e experiência da unidade e interconectividade de toda a Criação.
- 13) Europeus e seus descendentes nas Américas marcaram, escravizaram e desumanizaram o povo africano de modo a explorar e se aproveitar dos conhecimentos técnicos, habilidades, especialidades e bens culturais africanos.
□□□□□□□□□□□□□□□□ □
- 19) A riqueza mineral africana de que se tem conhecimento e outros recursos naturais a colocam entre os continentes mais ricos do mundo.

Cinco Aulas Emancipatórias Modelo

As aulas abaixo demonstram como a pedagogia do Clube Songhoy reconectou os alunos à história africana antiga, “do Nilo ao Níger”, bem como à história dos bairros no sudeste de Atlanta. Assim, os estudantes ganharam uma “alfabetização sobre diáspora” – o conhecimento e as habilidades para afirmarem suas identidades como africanos e para se identificarem com as experiências de outros africanos. Embora essa abordagem pedagógica seja “baseada em localização”, o que quer dizer, a história da vizinhança se torna o local de memória, ou “lieu de mémoire” (KING, 1992), para tornar essas conexões possíveis essa abordagem também permite que os alunos façam conexões

KING, Joyce E. Educação, comunidade e relações étnico-raciais: experiências nos Estados Unidos e em Mali. Trad. de Abner Oliveira dos Santos. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, no. 2, p. 64-83, nov. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.



ancestrais. A pedagogia também recebe o suporte de entrevistas com idosos da comunidade que também foram convidados a participar de algumas aulas. As cinco aulas são ilustrativas:

a) “A Jornada da Princesa Songhoy”: um desenho animado de trinta minutos de duração produzido para crianças pelo Dr. Edward Robinson apresenta a história e as gloriosas realizações do Império Songhoy (p. ex., a bela cidade de Timbuktu, as suas universidades, etc.). Os estudantes aprendem sobre os Mali da antiguidade e os valores da vida familiar africana – antes da maciça escravização do povo africano. Este é um exemplo de resgate da história e da memória.

b) *Night John*: esta aula é baseada em um “romance para jovens adultos” que foi, na verdade, escrito para crianças de 10 anos de idade (PAULSEN, 1993). Este trata da escravidão no sul dos Estados Unidos e inicia com a experiência de uma jovem num latifúndio da Geórgia esperando a sua vez de ir ao casebre de “reprodução escrava”. Essa aula permite que os alunos entendam as conexões entre como as mulheres negras eram tratadas no passado (sob escravidão) e agora (dadas as imagens distorcidas e desrespeitosas de mulheres e jovens negras formuladas pela mídia corporativa). Essas conexões são feitas através do que os alunos aprendem sobre a reprodução escrava e a violência em relacionamentos dos jovens: Chris Brown e Rihanna – dois populares artistas de hip-hop que tiveram um altamente divulgado problema de violência doméstica. Ele foi preso por agredi-la. Todas as crianças em nosso Clube Songhoy tinham ouvido essa história. Porém, as crianças não sabiam coisa alguma sobre a reprodução escrava. (Também não temos certeza se esse tópico foi apropriado para crianças nessa idade)

Dois professores do Clube Songhoy desenvolveram em conjunto uma aula sobre estes dois aspectos das experiências históricas e contemporâneas de mulheres e jovens negras – mediada pela história de Sarah Baartman, a mulher sul-africana também conhecida como “Hottentot Venus”, que foi colocada em exposição como uma aberração na Europa por sua figura física “incomum” (WILLIS, 2010), e imagens de vídeos de hip-hop que enfatizam o corpo feminino negro de maneiras sedutoras. Essa aula também forneceu oportunidades de incluir os pais nas discussões sobre os critérios de avaliação da lição em termos de excelência cultural e acadêmica (KING, 2011). Este é um exemplo de “des-ideologização” da experiência diária e de cultivo da consciência negra crítica.

c) As “revoltas raciais” de Atlanta em 1906: os alunos aprendem sobre como a comunidade negra resistiu e trabalhou em conjunto para autodefesa quando brancos em Atlanta se “revoltaram” – assassinando negros indiscriminadamente. Usando conhecimentos baseados na comunidade sobre essa história local, os alunos aprendem uma versão mais crítica, da perspectiva



da comunidade negra.⁷ Por exemplo, assistimos a um documentário que explicou como negros de pele mais clara que podiam “se passar por brancos” compravam munições para a autodefesa da comunidade negra. Os alunos também aprenderam que a inveja econômica estava no cerne da violência, e não afirmações de que um homem negro havia estuprado uma mulher branca. Os negros eram economicamente prósperos e a rua principal do distrito econômico negro de Atlanta – no período segregado pós-Reconstrução – que era a Avenida Auburn, era conhecida como a “Doce Auburn”, “a rua mais rica do mundo”. Essa aula demonstra dois princípios da pedagogia emancipatória para a liberdade humana: os estudantes no Clube Songhoy aprenderam sobre agência cultural e resistência à opressão e a crítica do racismo como ideologia foi outro importante elemento dessa aula. O modo como negros de “pele clara” ajudaram a comunidade negra demonstrou o conceito filosófico africano *Ubuntu*: “Eu sou porque nós somos”.

d) Aprendendo o básico do idioma songhoy-senni: os alunos aprenderam cumprimentos, protocolo de sala de aula e uma canção em songhoy-senni. Falar uma língua africana, aprender valores africanos e virtudes comunitárias através da língua e da música (e contos populares) forneceu oportunidades para o aprofundamento da consciência e da memória histórica dos alunos. Eles aprenderam a cantar a canção popular songhoy-senni sobre educação, (*Wa Kaa Ir Ma Koy Caw!*) “Venha, vamos à escola”. Quando eles aprenderam a cantar (e a interpretar) essa canção no idioma songhoy, um dos alunos disse: “Se é isso que eles estão cantando em Mali, então nós precisamos enviar algumas crianças dessa escola para a África, para que eles possam aprender como a escola é importante.” Essa experiência de aprendizagem exemplifica a “epistemologia dialética”: usar as virtudes de nosso povo para aprendizado e resolução de problemas.

e) Alunos do Clube Songhoy se engajaram em uma comparação crítica dos contos populares songhoy e gêneros da oratória negra – longos poemas populares que os jovens aprendiam a recitar em gerações anteriores como rito de passagem e as letras de rap contemporâneas (JACKSON, 1974). A tradição da poesia oral negra, incluindo poemas narrativos, “tributos”, e contos, precederam as formas de rima e rap que nossos alunos conhecem e as quais dominam. Assim, os estudantes aprenderam sobre a história das tradições orais africanas/negras (“do Nilo, ao Níger, ao bairro”). Essa aula envolveu o uso de criatividade e de artes expressivas por parte dos alunos e aprendizagem através da expressão cultural. Eles criaram seus próprios contos populares após analisarem e compararem o

⁷ Essa aula usou o documentário original produzido por Norman Harris, “When Blacks Succeed: The Atlanta Race Riot of 1906” (*Quando os Negros ganham: as revoltas raciais de Atlanta em 1906* – tradução livre). Acesso em 1º de novembro, 2012:
<http://www.oneworldarchives.org/OWA%20TV/When%20Blacks%20Succeed.htm>



songhoy e os contos e letras de rap afro-americanos, e eles interpretaram seu próprio rap/poesia informados pela história e valores culturais com os quais haviam se envolvido nesta aula. Os estudantes também foram instruídos a conversar com membros mais velhos de suas famílias (pais e avós) para desenvolver um apreço mais profundo pelo conhecimento da comunidade – aprendendo dos membros da própria família que podiam recitar o longo poema oral “O Macaco Significante” (*The Signifying Monkey*, também uma “figura travessa” da tradição popular afro-americana).

Essas aulas serviram como um contexto para os professores discutirem os padrões para conteúdo e ensino que seriam apropriados ao desenvolvimento de meninos e meninas de diferentes idades. Assim, o Clube Songhoy serviu às necessidades desenvolvimentais profissionais e de aprendizado de nossos professores, além de às necessidades de socialização dos alunos. Nós discutimos essas questões com pais cujas visões foram incorporadas nos padrões culturalmente autênticos.

A Pedagogia *Donborey*: Restauração da Identidade e Reconexão com os Antepassados

Usamos a palavra songhoy *Donborey* – que significa conectar-se aos Antepassados – para descrever a pedagogia do Clube Songhoy. Akua enfatiza a importância da restauração identitária, a qual certamente é uma tarefa da pedagogia do Clube Songhoy:

O propósito da (...) restauração identitária é duplo: a ressurreição do povo africano e a redenção da humanidade. Restauração identitária requer consciência. Quando crianças negras são expostas a um desenvolvimento cultural e de caráter apropriado, um novo fenômeno mental e espiritual emerge. Nós o chamamos *consciência*. Consciência é “a percepção expandida de seu lugar no universo.” Nossas crianças precisam que seu caráter e sua cultura se comuniquem com sua consciência. Quando isso acontece, elas serão transformadas pela renovação de suas mentes. Com essa nova consciência vem um novo *comprometimento* (...) de participar ativamente na ressurreição do povo africano e na redenção da Humanidade. (AKUA, 2012, p. 90)

O Clube Songhoy / A Cosmologia Songhoy

A seguir estão princípios-chave da práxis que corrobora a pedagogia *Donborey* no Clube Songhoy, que foi um laboratório pedagógico para o aprendizado de alunos, alunos/professores doutorandos e pais. Os professores do Clube Songhoy incluíram doutorandos da Universidade Estadual da Geórgia que



organizaram as experiências de aprendizagem e ministraram as aulas para alunos de 5ª a 8ª séries por dois anos. No primeiro ano, o Clube se reunia após o período escolar em três dias da semana. Durante o segundo ano, estudantes do ensino básico vieram à Universidade Estadual da Geórgia para sessões de 4 horas de duração nas manhãs de sábado. A pedagogia Donborey do Clube Songhoy:

- Torna nossos valores e visões de mundo africanas – p.ex. a Cosmologia Songhoy, as 7 Principais Virtudes de Ma’at (Verdade, Justiça, Harmonia, Equilíbrio, Ordem, Reciprocidade e Direiteza) e os 7 Princípios do Kwanzaa (Umoja (União), Kujuchagulia, (Autodeterminação), Ujima (Trabalho e Responsabilidade Coletivos), Ujamaa (Economia Cooperativa), Nia (Propósito), Kuumba (Criatividade) e Imani (Fé) – disponíveis à nossa comunidade através de:
- Uso de estudos afrocêntricos para criar aulas baseadas em valores e alinhadas a padrões de ensino que conectem a aprendizagem ao conhecimento do Legado;
- Uso dos Padrões para Critério de Ensino Contextualizado para lembrar e “re-membrar” nosso Legado, via conexões com nossos ancestrais. Adicionalmente:
- Os estudantes aprendem com o fim de que sirvam a escola e a comunidade;
- Os estudantes experienciam um ambiente de aulas de construção comunitária e resolução de problemas;
- Os professores usam a “avaliação culturalmente autêntica” para uma educação de pais visionária na qual os pais contribuem com padrões para avaliação das excelências cultural e acadêmica.

Assim, coletivamente, estamos produzindo conhecimento sobre e para a comunidade. Em conclusão, os pais e os próprios professores resgataram história e memória junto aos alunos.

O Clube Songhoy e a Crise Atual em Mali: Um Momento Histórico de Ensino

A importância do estudo da herança songhoy para estudantes negros, pais e professores é acentuada pelo fato que as ricas história e cultura de Mali estão sendo destruídas atualmente por forças invasoras sob a falsa bandeira do Islamismo radical Talibã. Dois terços do norte de Mali estão sob ocupação de “jihadistas” islâmicos de vários países que invadiram o país afirmando o desejo de estabelecer um Estado muçulmano, primeiro em Mali e depois por toda a África e então o mundo. Essa ocupação é o resultado de um problema de relações étnico-raciais de longa data na região de Sahel, do oeste e norte da África, que é a terra natal ancestral do povo songhoy (MAIGA, 2010). A região inclui o Mali, o Níger, a Mauritânia e o sul da Argélia, que é habitado por grupos fixos como os songhoy, os bella, os peulh (fulani) – bem como pelos nômades tuareg, que reclamam o



território como seu. Muitos dentre estes “grupos” historicamente nômades e diversificados que compartilham da mesma língua (o *tamasheq*) têm demonstrado o desejo de se tornarem um Estado independente desde antes da independência de Mali da dominação colonial francesa.

Os tuareg iniciaram numerosos conflitos armados que nunca foram completamente resolvidos através dos muitos tratados de paz. Em janeiro, grupos de “soldados” tuareg retornaram da Líbia com armamentos pesados e lançaram sua mais recente rebelião armada contra o governo de Mali. Jihadistas árabes – com motivações muito diferentes – colocaram os tuareg de lado e desde então esses grupos vêm destruindo locais religiosos sagrados em Timbuktu e queimando manuscritos históricos que, segundo eles, são anti-islâmicos. Esses grupos armados têm forçado o povo a obedecer à Sharia – que inclui a amputação de mãos e pés e o apedrejamento de um casal até a morte por terem um filho sem estarem casados. O exército de Mali e o governo nacional – de relações complicadas por causa de um golpe militar – estão despreparados ou são incapazes de defender a integridade territorial da nação e de defender o povo. Milhares fugiram para países vizinhos ou para o sul de Mali. Enquanto isso, no norte de Mali não há escolas para as crianças e a fome e doenças se espalharam. Mulheres e crianças, em especial, são as que mais sofrem.

Para concluir, o Clube Songhoy se tornará um programa on-line e a pedagogia *Donborey* estará disponível para estudantes do mundo todo, de forma que o uso da pedagogia emancipatória forneça oportunidades aos alunos, professores e pais para que se engajem com esta herança do povo africano, e patrimônio mundial, agora ameaçada e inacessível.

Referências

ACHINSTEIN, B., OGAWA, R., & SEXTON, D. (2010). Retaining teachers of color: A pressing problem and a potential strategy for “hard-to-staff” schools. **Review of Educational Research**, 80,(1), 71-107.

AKUA, Chike (2012). **Education for transformation**: The keys to releasing the genius of African American students. Conyers, GA: Imani Enterprises.

BHENGU, Mfuniselwa John (1999). **Ubuntu**: The essence of democracy. Captetown, S. Africa: Novalis Press.

BURAS, K. (2011). Race, charter schools, and conscious capitalism: On the spatial politics of whiteness as property (and the unconscionable assault on Black New Orleans). **Harvard Educational Review**, 81(2), 296-331.



CARTER, Dorinda J. (2008, Winter-Spring). Cultivating a critical race consciousness for African American school success. **Educational Foundations**, 22(1-2), 11-28.

CARTER, Prudence (2005). **Keepin' it real**: School success beyond black and white. New York: Oxford University Press.

HANLEY, Mary S., & NOBLIT, George (2009). Cultural responsiveness, racial identity and academic success: A review of the literature. Pittsburgh, PA: The Heinz Endowments. Retrieved Oct. 1, 2012:
http://www.heinz.org/UserFiles/Library/Culture-Report_FINAL.pdf

HILLIARD, Asa G. (2003). **African power**: Affirming African indigenous socialization in the face of culture wars. Tallahassee, FL: Makare Publishing.

HILLIARD, Asa G. & SIZEMORE, Barbara A. (1984). "Saving the African American Child:" A Report of the National Alliance of Black School Educators, Inc., Task Force on Black Academic and Cultural Excellence. Washington, DC: NABSE.

JACKSON, Bruce (1964). "**Get your ass in the water and swim like me**": Narrative poetry from the Black oral tradition. Cambridge: Harvard University Press.

JEFFERSON, Thomas (1785/1999). **Notes on the state of Virginia**. New York: Penguin Books.

KING, Joyce E. (2011). "Who dat say (we) too depraved to be saved?" Remembering Katrina/Haiti (and beyond): Critical studyin' for human freedom. **Harvard Educational Review**, 81(2), 343-370.

KING, Joyce E. (2009). Epilogue: Black education post-Katrina: And "All us we are not saved". In L. Tillman (Ed.). **The Sage handbook of African American education** (pp. 499-510). Thousand Oaks: Sage.

KING, Joyce E. (2005). A Declaration of Intellectual Independence for Human Freedom. In J. E. King (Ed.). **Black education**: A transformative research and action agenda for the new century (pp. 19-42). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum/Washington, D.C.: American Educational Research Association.

KING, Joyce E. (1995). Culture-centered knowledge: Black studies, curriculum transformation and social action. In J.A. Banks & C. M. Banks (Eds.). **The**



handbook of research on multicultural education (pp.265-290). New York: Macmillan.

KING, Joyce E. (1992). Diaspora literacy and consciousness in the struggle against miseducation in the Black community. **Journal of Negro Education**, 61(3), 317-340.

KING, Joyce E., Akua, Chike & Russell, LaToya (*in press*). Giving the gift of consciousness: Liberating urban education for human freedom. In K. Lomotey & R. Milner (Eds.). **The handbook of urban education**. New York: Routledge.

KING, Joyce E., et al. (2012). **The Songhoy club: Donborey pedagogy for diaspora literacy & critical black consciousness**: Curriculum resources from the Nile to the Niger to the neighborhood. Atlanta, GA: Murehm Books.

LADSON-BILLINGS, Gloria (1994). **Dream keepers: Successful teachers of African American students**. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers.

LEE, Carol (2008). Synthesis of research on the role of culture in learning among African American youth: The contributions of Asa G. Hilliard, III. **Review of Educational Research**, 78(4), 797-827.

LEE, Carol (2007). **Culture, literacy and learning**: Taking bloom in the midst of the whirlwind. New York: Teachers College Press.

LEWIS, Kelly M. et al. (2006). An experimental evaluation of a school-based emancipatory intervention to promote African American well-being and youth leadership. **Journal of Black Psychology**, 32(1),1-25.

MAIGA, Hassimi O. (2010). **Balancing written history with oral tradition**: The legacy of the Songhoy people. New York: Taylor & Francis.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio (1996). **Writings for a liberation psychology**. Cambridge: Harvard University Press.

MUDIMBE, V. Y. (1988). **The invention of Africa**: Gnosis, philosophy and the order of knowledge. Bloomington: University of Indiana Press.

MUHAMMAD, Khalil G. (2010). **The condemnation of blackness**: Race, crime, and the making of modern urban America. Cambridge: Harvard University Press.



MURRELL, Peter C. (2007). **Race, culture and schooling: Identities of achievement in multicultural urban schools.** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

MURRELL, Peter C. (1997). Digging again the family wells: A Freirian literacy framework as emancipatory for African American children. In P. Freire et al. (Eds). **Mentoring the mentor: A critical dialogue with Paulo Freire** (pp. 19-58). New York: Peter Lang.

NASIR, Na'ilah (2011). **Racialized identities: Race and achievement among African American youth.** Stanford: Stanford University Press.

NOBLES, Wade W. (2008). Per Åsa Hilliard: The Great House of Black Light for educational excellence. **Review of Educational Research**, 78(3), 727-747.

OYSERMAN, DAPHNA, HARRISON, K., & BYBEE, Deborah (2001). Can racial identity be promotive of academic efficacy? **International Journal of Behavioral Development**, 25(4), 379-385.

PAULSEN, Gary (1993). **Nightjohn.** New York: Doubleday.

STANFIELD, John H. (2011). **Black reflective sociology: Epistemology, theory and methodology.** Walnut Creek, CA: Left Coast Press.

WIENCEK, Henry (2012). **Master of the mountain: Thomas Jefferson and his slaves.** New York: Farrar, Straus & Giroux.

WILLIS, Deborah (2010). **Black Venus 2010. "They called her 'Hottentot'."** Philadelphia: Temple University Press.

WYNTER, Sylvia (1984). The ceremony must be found. **Boundary/2**, 12(3)/13(1), 19-61.

Enviado em: 08/11/2012

Aceito em: 26/11/2012